

Aprendizagem significativa

Ana Lúcia Francisco¹

Resumo

Contextualizando a sala de aula como um espaço em que razão e emoção possam dialogar, este artigo pretende refletir sobre o processo ensino-aprendizagem e o papel da aprendizagem significativa neste processo. Entende-se que a aprendizagem significativa é de fundamental importância na formação de futuros cidadãos e de profissionais competentes, formação que vem sendo marcada por um excesso de informação e de acumulação de conhecimentos, mas carente de reflexividade e criatividade, atitudes que nos parecem urgentes face aos problemas que a atualidade nos coloca.

Palavras-chave: razão, emoção, aprendizagem significativa

MEANINGFUL LEARNING

Abstract

By contextualizing the classroom as a space in which reason and emotion can have a dialogue, this paper seeks to reflect on the teaching-learning process and the role of meaningful learning in this process. It is understood that meaningful learning is of fundamental importance in the training of future citizens and competent professionals, a training that has been marked by an excess of information and the accumulation of pieces of knowledge, but lacking in reflective thought and creativity, attitudes that seem urgent to us given the problems that we face today.

Key words: reason, emotion, meaningful learning

A reflexão aqui proposta faz parte de um contexto mais amplo, qual seja, o de oferecer subsídios para problematizar a sala de aula como um espaço de expressão da razão e da emoção, tema central colocado em discussão na Semana de Estudos Pedagógicos (2002), realizada pelo Departamento de Pedagogia da Universidade Católica de Pernambuco. Tema que nos parece pertinente e instigante, na medida em que pensar o espaço da sala de aula como um lugar onde razão e emoção confluem, trocam, se constroem, pois tudo isso que ao mesmo

¹ Mestre em Psicologia Clínica – PUC- RJ. Doutora em Psicologia Clínica – PUC-SP. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco

tempo acontece, é de fundamental importância. Também é na sala de aula que nos construímos como sujeitos, como cidadãos engajados em uma sociedade e como profissionais, cuja competência deve ser colocada a serviço dessa mesma sociedade. A sala de aula é um fragmento de nossa relação com o mundo, de como nos colocamos e construímos este mundo, é o espaço da intersubjetividade produtora de subjetividades. O espaço da sala de aula contém outros espaços, que, numa coreografia, criam um outro espaço além e aquém do espaço da sala de aula. Lugar onde “múltiplas personalidades” habitam, cada um com sua história, seus desejos, anseios, compondo um diagrama em movimento. Nesse diagrama, há que se ressaltar não só os alunos, mas também os professores (alunos por profissão, pois que ensinar é aprender), e a Instituição que abriga essa prática e esse lugar.

Será, portanto, desde essa perspectiva que traremos algumas reflexões a respeito da Aprendizagem Significativa, reflexões “fermentadas” em minha própria aprendizagem significativa no exercício de minha docência. É interessante observar que, embora a temática ensino-aprendizagem seja recorrente em inúmeros debates acerca da Educação, grande parte das discussões ainda se centram nos aspectos mais “didáticos” e operacionais do processo ensino-aprendizagem, atravessados que estão ainda pelo pensamento dominante da modernidade, de que aprendizagem se dá pela acumulação de conhecimentos, por excesso de informação, balizados por uma metodologia racional e objetiva. Compartilho com o pensamento de alguns autores (Morin, E. 2001; Boff, L. 1999; Santos, B. 1989) de que a ciência moderna, ao enfatizar a objetividade do fenômeno, a mensuração e o controle como critérios fundamentais para a produção de um conhecimento que pudesse alçar ao estatuto de científico, acabou, por vezes, afastando-se dos verdadeiros problemas humanos, inclusive daqueles ligados ao próprio processo de ensino-aprendizagem.

Edgar Morin, um dos maiores filósofos de nosso tempo, em um de seus mais recentes livros, *Cabeça Bem Feita* (op. cit.), afirma que:

A primeira finalidade do ensino foi formulada por Montaigne: mais vale uma cabeça bem feita do que bem cheia. O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. Uma “cabeça bem feita” significa que, em vez de acumular o saber é mais importante dispor ao mesmo tempo de: - uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; - princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido (p. 21).

Outros autores também compartilham destas idéias, apontando como “uma das falhas centrais do modelo pedagógico, até então hegemônico, a ênfase no ensino estritamente teórico-técnico” (Morato e Schmidt, 1999), que sistematicamente dissocia as dimensões cognitivas e afetivas que constituem os processos de aprendizagem. Entretanto, para que nos utilizemos de “princípios organizadores” que permitam dar sentido e ligar os saberes, é imprescindível que essa dotação de sentido (termo compreendido na acepção tanto de significado como de direção), tenha como referência a nossa própria experiência; é imprescindível que nos coloquemos como sujeitos construtores desse saber e não como meros depositários de “uma memória repetida de material inexpressivo (informação)”, sem nenhuma articulação com o vivo que nos habita e que, via de regra, expressamos em nossa relação com o mundo.

Como afirmam Morato e Schmidt (op.cit.)

Enquanto a noção de informação, no modelo técnico-formal ocupa um lugar central na estruturação das formas de transmissão, elaboração e avaliação do saber, na aprendizagem significativa as noções de intersubjetividade, experiência e criatividade permitem articular seus modos próprios de transmissão, elaboração e avaliação do saber” (p. 118).

Será, portanto, enquanto sujeitos responsáveis por nosso processo de aprendizagem, afetados e co-autores desse processo, compromissados com a vida para a qual o conhecimento se dirige, que poderemos construir a aprendizagem significativa. Uma aprendizagem que se dá quando razão e emoção dialogam, ou, como coloca Rogers (op. cit), “uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas parcelas da sua existência” (p. 128). Nesse contexto, a aprendizagem significativa se coloca como um processo onde a vida se manifesta, onde crescimento e desenvolvimento estarão pautados nas “relações vividas pela pessoa, seja consigo mesma, seja com o mundo ou com os outros”.

Nesse sentido, a aprendizagem significativa implica uma postura ética: ética como “ethos”, como morada, como dimensão ética da existência, o que “nos remete ao âmbito das relações de um indivíduo com outros indivíduos” (Figueiredo, 1995), sejam eles humanos ou não; aqui me refiro à relação com a terra, com o “cosmos”, enfim, com dimensões da existência, na maioria das vezes ignorada por nós. Como afirma Figueiredo (op.cit) ,

“A dimensão ética engloba todas as considerações acerca das metas da ação humana, não se restringindo, portanto, à consideração da adequação dos meios e fins, diferenciando-se, assim, do âmbito de competência do conhecimento técnico”.
(p.42)

Como também nos lembra o autor, o delineamento das metas de ação não coloca em jogo apenas a necessidade de sobrevivência, mas, talvez primordialmente, nossa imagem frente a nós e aos outros. Seguindo suas palavras “Efetivamente há sempre uma reflexividade, uma

relação de si para consigo, um autocomprometimento do sujeito, implicados na conduta ética”. (op.cit., p. 42).

Além de um exercício ético, aprendizagem significativa é também um exercício estético, é criação coletiva, é criar ação. Requer, por parte dos alunos, desejo de aprender-ensinar e, por parte dos professores, desejo de ensinar-aprender. Por se tratar de um exercício estético, requer, necessariamente, que os envolvidos no processo escutem, sintam, percebam o que os ativa, o que nos convoca, o que apela à nossa atenção; a partir daí, engajados numa proposta comum, vamos dando visibilidade aos nossos projetos, expomo-nos, assumindo, assim, a “respons-abilidade” pelas destinações que fazemos às nossas existências.

Gostaríamos de finalizar trazendo, ainda, um pequeno texto do livro *Cabeça Bem Feita* (op.cit) :

Como dizia magnificamente Durkheim, o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos mais numerosos aos alunos, mas o de “criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida. É justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência por toda a vida. (p.47).

Referências

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as psicologias: da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos.** São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995.

MORATO, H.; SCHMIDT, M.L. **Aprendizagem Significativa e Experiência**: Um Grupo de Encontro em Instituição Acadêmica. In: Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa- MORATO, H. (Coord.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MORIN, E. **A Cabeça Bem Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina – 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, B. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.